

MATERNIDADE E CASAMENTO: O QUE PENSAM AS ADOLESCENTES?¹

Ana Cristina Garcia Dias

Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria
(PPGP/UFSM)
nacristinagarcias@gmail.com

Márcia Elisa Jager

Mestranda do PPGP/UFSM, Bolsista CAPES/DS.
marciajager@yahoo.com.br

Naiana Dapieve Patias

Mestre em Psicologia pela UFSM. Foi Bolsista CAPES/DS.
naipatias@hotmail.com

Clarissa Tochetto de Oliveira

Mestranda do PPGP/UFSM, Bolsista CAPES/DS.
clarissa.tochetto@gmail.com

Resumo

Este estudo buscou compreender como adolescentes com e sem experiência de gestação percebem a maternidade e o casamento/união. Foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas com nove adolescentes gestantes e dez adolescentes não gestantes de camadas populares, com idades entre 11 e 18 anos, residentes em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul (Brasil). O estudo possui um delineamento qualitativo, no qual as informações coletadas foram submetidas à análise de conteúdo temática. Os resultados mostram que tanto as jovens gestantes quanto as não gestantes pensam na maternidade como um acontecimento positivo. O desejo de ser mãe parece ser influenciado pelas expectativas sociais sobre o que é ser adolescente e ser mãe. Na visão das jovens, o casamento baseia-se no amor e na divisão de responsabilidades. As adolescentes não gestantes parecem priorizar a inserção no mercado de trabalho, estabilidade financeira e a formação de um relacionamento afetivo antes da maternidade. Para elas, a maternidade deveria ocorrer somente após o casamento/união, sendo resultado de uma relação amorosa

¹ Fontes financiadoras da pesquisa: Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul - FAPERGS (Edital Pq Gaúcho 06/2010, processo 10/14932), bolsas de Iniciação Científica FIPE Sênior/UFSM e de mestrado Demanda Social/CAPES.



estável e com o objetivo de formar um novo núcleo familiar. Já para as adolescentes gestantes, a maternidade não viria, necessariamente, associada ao estabelecimento de um relacionamento estável, sendo que esse fenômeno pode inclusive motivar o casamento e a formação de uma nova família.

Palavras-chave: Gravidez na adolescência; Casamento; Mães; Adolescentes.

Abstract

This study investigated how adolescent girls with and without experience of pregnancy perceive motherhood and marriage/cohabitation. Private semi-structured interviews were conducted with nine pregnant and ten non-pregnant adolescents belonging to low socioeconomic status groups, aged between 11 and 18 years old, from a city in the Brazilian state of Rio Grande do Sul. The methodological reference was qualitative and the information was submitted to thematic content analysis. Results showed that both pregnant and non-pregnant adolescents view motherhood as a positive situation. The desire to be mother seems to be influenced by social expectations about what being a teenager and a mother mean. From the point of view of these teenagers, marriage is based on love and shared responsibility. Non-pregnant adolescents seem to prioritize their entry into the labor market, financial stability, and the start of a romantic relationship before motherhood. For the non-pregnant adolescents, motherhood should occur only after marriage/cohabitation as a result of a stable and loving relationship in order to start a new family. However, for pregnant adolescents, motherhood is not necessarily associated to a stable relationship and this phenomenon may even encourage marriage and the formation of a new family.

Keywords: Adolescent pregnancy; Marriage; Adolescent mothers.

A ocorrência da gestação durante a adolescência pode assumir diferentes significados para as jovens que a experienciam. Fatores sociais, econômicos e culturais são aspectos que influenciam e ajudam a entender como a gestação é vivenciada por cada adolescente. Para jovens pertencentes a camadas populares, o desejo de ter um filho, bem como a valorização da gravidez e da maternidade, pode aparecer mais cedo do que em jovens de camadas médias da população. Isto pode



decorrer do fato de que a figura feminina, especialmente em camadas sociais menos favorecidas, está associada principalmente ao papel materno. Aliado a essa questão, nesses contextos são encontradas menores oportunidades de escolarização e profissionalização que podem colaborar para que adolescentes “optem” pela maternidade, como uma forma de reconhecimento social (Lima, Feliciano, Carvalho, Souza, Menabó, Ramos, Cassundé, & Kovács, 2004; Patias, Jager, Chechi, & Dias, 2011).

Na literatura brasileira, é comum encontrar estudos sobre adolescência, juventude e reprodução que se preocupem em investigar a experiência da gestação e maternidade em adolescentes, bem como os fatores associados à ocorrência do fenômeno (Heilborn, & Cabral, 2006). Porém, aspectos referentes ao o que pensam os adolescentes sobre o relacionamento amoroso, união e casamento entre jovens e sua possível associação com a situação de parentalidade ainda são assuntos pouco discutidos no contexto científico nacional (Silva, 2002). Essa constatação pode ser confirmada em busca sistemática de artigos nacionais realizada nas bases de dados Scielo (www.scielo.br) e Pepsic (www.pepsic.bvs.br) com as palavras *adolescência and casamento*, *adolescência and casar*. Foi identificado um total de quatro artigos, sendo que dois dos estudos não abordavam diretamente essas questões e os outros dois não enfocavam o que adolescentes pensam sobre esses assuntos, sendo o foco questões sobre sexualidade e contracepção.

Acredita-se que as expectativas e as opiniões sobre a maternidade e casamento/união são capazes de influenciar na ocorrência ou não da gestação e no desejo pela maternidade em adolescentes. De acordo com o modelo cognitivo proposto por Beck (1997), as emoções e comportamentos das pessoas são influenciados por seus pensamentos, expectativas e representações sobre os eventos. Parte-se do pressuposto que as adolescentes podem perceber esses fenômenos como problemas sociais ou de saúde como também desejar a gravidez e/ou a união com o parceiro nesse período do desenvolvimento, uma vez que estes fenômenos podem estar associados tanto a pensamentos negativos quanto a pensamentos positivos. A partir disto, este trabalho tem como objetivo compreender o que pensam dois grupos de adolescentes (gestantes e não gestantes) sobre gravidez/maternidade e casamento/união para identificar pensamentos que podem tornar (ou não) as adolescentes vulneráveis à ocorrência destes fenômenos.

Método

Esta pesquisa adota um delineamento qualitativo. A pesquisa qualitativa é um tipo de pesquisa que produz resultados que não seriam alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação. Normalmente é utilizada para investigar fenômenos, como histórias de vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, pensamentos, emoções e sentimentos (Strauss, & Corbin, 2008). Considera a subjetividade dos sujeitos, permitindo compreender os resultados de maneira individualizada ou a partir do contexto multifatorial que envolve um fenômeno (Bauer, & Gaskell, 2003).

Participaram deste estudo 19 adolescentes com idades entre 11 e 18 anos, residentes em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul (Brasil). Destas, nove estavam grávidas e foram recrutadas em Unidades Básicas de Saúde (UBS). As outras dez adolescentes - não gestantes - foram recrutadas em escolas públicas do mesmo município. Para participar do estudo, as participantes deveriam ter idade entre 10 e 19 anos, pertencer a camadas populares, estar gestando (grupo de adolescentes gestantes) ou não (grupo de adolescentes não gestantes). Não se estabeleceu critério sobre o período gestacional.

O número de informantes foi definido *a posteriori* pelo critério de saturação das informações coletadas. Para garantir o anonimato das adolescentes participantes foram utilizados nomes fictícios. A coleta de informações aconteceu através de duas entrevistas semiestruturadas sobre o que pensam as jovens a respeito de maternidade e casamento/morar junto construídas especialmente para este estudo. As entrevistas foram realizadas de forma individual nos dois grupos de adolescentes e apresentavam questões equivalentes sobre maternidade e casamento. Além disso, foram realizadas questões específicas à situação de gestação na adolescência para as adolescentes que estavam grávidas no momento da entrevista.

O contato inicial com as gestantes foi realizado em UBS nos dias de atendimento pré-natal. Já com as adolescentes não gestantes, contatou-se uma escola pública da mesma região das gestantes, garantindo contextos socioculturais semelhantes. As jovens foram informadas dos objetivos e dos procedimentos do estudo e convidadas a participar voluntariamente do mesmo. As adolescentes e seus responsáveis assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes da realização da entrevista. As entrevistas foram gravadas, transcritas integralmente e, posteriormente, apagadas. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê



de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, sendo respeitados todos os requisitos das Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo Seres Humanos (Parecer nº 105/ 2006, com a Resolução 196/96, do Conselho Regional de Saúde/ MS, de 10/10/1996).

As informações coletadas através das entrevistas semiestruturadas foram submetidas à análise de conteúdo, utilizando-se o tema como unidade de registro. O tema enquanto unidade de registro é utilizado para estudar motivações, opiniões, atitudes, valores, crenças, tendências, etc. A análise foi desenvolvida em três momentos: (1) a pré-análise, (2) a exploração do material e (3) o tratamento de resultados, inferência e interpretação conforme proposto por Bardin (2006). Em um primeiro momento, se buscou conhecer os depoimentos das adolescentes, deixando-se invadir pelas impressões e conteúdos presentes nas entrevistas. Isto permitiu a construção de indicadores que foram desenvolvidos a partir dos critérios de recorrência, similaridade e diferenciação entre os temas. Foram então realizados recortes das falas presentes nas entrevistas em unidades comparáveis (categorias temáticas), sendo exploradas as diferentes possibilidades de sentido dentro de cada tema.

Os resultados foram agrupados em duas grandes áreas temáticas conforme os objetivos do estudo. A primeira delas, denominada “O que as adolescentes pensam sobre maternidade”, foi subdividida em: significados da maternidade, o desejo de ser mãe e expectativas em relação ao fenômeno. A segunda, intitulada “O que as adolescentes pensam sobre casamento/morar junto”, foi organizada em: significados de casar/morar junto e o desejo de casar/morar junto.

Resultados e Discussão

O que as adolescentes pensam sobre maternidade

Significados da maternidade

Para as adolescentes gestantes, a maternidade é representada pela existência de um amor sem limites, associada à representação de feminino. A condição de ser mãe é retratada como uma experiência única na vida da mulher.

Maternidade eu acho que, é um amor sem limite, é isso, eu diria assim (Juliana, 18 anos, adolescente gestante).

Amor toda mãe dá, na verdade. Acho que não existe mãe que não dê amor
(Marina, 18 anos, adolescente gestante).

O “ser mãe” é uma experiência valorizada pelas mulheres, sendo a feminilidade comumente reafirmada através da ocorrência da maternidade (Heilborn, & Cabral, 2006). A mulher é o único ser humano capaz de gerar um bebê, e isto faz com que o ato de gestar, amamentar, cuidar e amar seu filho reafirme sua feminilidade e a coloque em um lugar social diferenciado (Badinter, 1985). A noção de amor incondicional, entendido como uma tendência inata das mulheres mães foi discutida por Badinter (1985) em sua obra “O mito do amor materno”. A autora demonstrou como foram produzidos discursos que naturalizaram o amor materno. Este vem sendo percebido, durante muito tempo, como infinito e capaz de superar todas as dificuldades em prol do bem-estar do filho (Rodrigues, Rodrigues, Silva, Jorge, & Vasconcelos, 2009).

Para as adolescentes não gestantes entrevistadas neste estudo, ser mãe também significa amar incondicionalmente o filho. Ainda, a maternidade deve ser planejada e acontecer após uma condição de estabilidade financeira. Dessa forma, duas preocupações principais caracterizam a maternidade na visão dessas jovens: ter um ambiente familiar favorável para acolher a criança e ter recursos financeiros suficientes para suprir todas as necessidades do filho.

Acho uma coisa muito bonita, eu vejo pela minha mãe, amor muito grande pela gente [...] (Sara, 14 anos, adolescente não gestante).

Mas para ser mãe tem que ter uma estabilidade financeira, ter um trabalho. [...] Primeiro construir tua vida, ter um emprego, ter uma família, sabe, para depois pensar em um filho [...] (Paula, 14 anos, adolescente não gestante).

Preocupações semelhantes foram encontradas por Patias e Buaes (2012) em um estudo realizado com mulheres adultas, sem filhos por opção. Estas mulheres acreditavam que, para ter filhos, seria necessário possuir condições psicológicas, financeiras, tempo e paciência. Para estas mulheres, a espera pelas condições apropriadas para ser mãe motiva um adiamento da maternidade ou, até mesmo, a opção por não ser mãe.

As adolescentes não gestantes deste estudo não consideram a maternidade como algo ruim, a não ser quando ela ocorre em um momento inesperado e



considerado socialmente inapropriado, como a adolescência. Nesse período, a gestação e maternidade são percebidas como fenômenos que “atrapalham” a vida.

[...] Um filho, como a gente tem exemplo das nossas mães em casa, não é como um brinquedo, não é uma boneca. [...] Agora na adolescência, tem muitas gurias que engravidam com 16, 17, 15 anos que pensam assim, vão querer sair fim de semana [...]. Um filho é uma criança, uma vida que tu vai ter que carregar sempre contigo, vai ter que dar atenção, vai ter que dar carinho, vai ter praticamente, festas, estudos deixar de lado, eu penso assim (Paula, 14 anos, adolescente não gestante).

As expectativas sociais em relação ao que é esperado dos jovens contribuem para o aumento de discussões sobre as implicações da parentalidade durante a adolescência. Durante este período, se espera que os jovens estudem, se qualifiquem para o mercado de trabalho e planejem o seu futuro (Locatelli, Bzuneck, & Guimarães, 2007). Neste contexto, o ser pai e o ser mãe podem perturbar o desenvolvimento considerado ideal para o jovem. De fato, se espera que a maternidade aconteça somente na fase adulta, decorrente de um planejamento familiar e após a obtenção de estabilidade financeira, que são consideradas condições essenciais para criar um filho na sociedade brasileira (Heilborn, & Cabral, 2006). Durante a adolescência, o jovem dificilmente dispõe destas condições, visto que, geralmente, está se preparando para a inserção no mundo adulto. Assim, se espera que, na adolescência, se priorize a escolarização e a preparação profissional. Dessa forma, é possível que a parentalidade prejudique este preparo e dificulte, ou até impeça, a concretização de planos futuros (Almeida, & Cunha, 2003; Oliveira, 2004).

Além disso, a opinião das adolescentes não gestantes desta pesquisa, de que a gravidez atrapalha a vivência da juventude, já foi descrita por outros estudos (Gonçalves, & Knauth, 2006; Patias, & Buaes, 2012). O estudo realizado por Rodrigues e colaboradores (2009) investigou as opiniões de ser mãe na fase adulta e o ser mãe na adolescência em adolescentes puérperas e encontrou que ser mãe na fase adulta é uma realização familiar, ao passo que esta experiência na adolescência é percebida de maneira negativa, como algo que “atrapalha a vida” da jovem. Isto decorre das dificuldades que permeiam a criação e educação dos filhos e da perda de liberdade que a maternidade neste período pode trazer para as adolescentes. No mesmo sentido, o estudo de Gonçalves e Knauth (2006), realizado com 23 jovens de 18 e 19 anos de idade que foram mães na adolescência e 10 de suas mães, constatou

que as jovens percebiam a juventude como um período da vida que deve ser “aproveitado”, sendo representado pela expressão “aproveitar a vida”. Para as mães participantes, a gravidez das jovens é vista como um dos efeitos da inconsequência e da modernidade, da mesma forma que uma experiência precoce que pode atrapalhar e/ou adiar os planos futuros da filha.

O desejo de ser mãe

O desejo pela maternidade em adolescentes não gestantes atendem as expectativas sociais: esperam viver a maternidade após o casamento e o término do processo de escolarização e profissionalização. Almejam um crescimento profissional decorrente de uma continuação e dedicação aos estudos. Assim, afirmam que suas prioridades são a realização de tarefas desenvolvimentais consideradas próprias da fase da adolescência – estudar e se preparar profissionalmente. Demonstram que seus projetos de vida vão ao encontro do que é esperado delas.

Depois que eu já tiver feito minha faculdade, que eu tiver um emprego fixo, quando eu já tiver bem estabilizada na minha vida, entendeu. Não posso pensar em ter tão jovem, se não vou interromper com toda a minha carreira assim [...], de preferência estar casada, estar formada e com um emprego fixo (Sara, 14 anos, adolescente não gestante).

Eu penso em ser mãe depois dos meus 20 anos. [...] Pretendo terminar os meus estudos, né, me formar... Porque acho que com 25, já vou estar... Como é que eu vou dizer... Já vou ter cursado um ano de faculdade (Alice, 17 anos, adolescente não gestante).

A maternidade durante a adolescência não é socialmente aceita, visto que se espera dos jovens a realização de outras atividades que os preparem para o mundo adulto. Nesse momento, não se espera a ocorrência da conjugalidade e da parentalidade. Casar e ter filhos são experiências socialmente atribuídas à fase adulta. Para cada período do desenvolvimento humano, existem comportamentos e experiências que o caracterizam, assumindo um valor evolutivo do ser humano e o tornando cada vez mais maduro psicologicamente (Almeida, & Cunha, 2003; Oliveira, 2004; Papalia, Olds, & Feldman, 2010). Assim, a conjugalidade e parentalidade parecem respeitar uma ordem cronológica, na qual a formação de família, o ser mãe e o ser pai caracterizam um processo natural ao desenvolvimento psicológico e social



do ser humano, que deve acontecer durante a fase adulta (Heilborn, & Cabral, 2006). Neste sentido, as adolescentes não gestantes deste estudo parecem procurar respeitar o que é esperado do indivíduo em cada período do desenvolvimento humano.

No período da adolescência, é esperado que o jovem frequente a escola e se envolva com seu planejamento profissional. Durante a realização deste estudo, todas as participantes não gestantes estavam na escola. Frequentar a escola e realizar as atividades curriculares podem manter as adolescentes mais focadas nos estudos e no planejamento profissional. Normalmente, o afastamento de atividades escolares em adolescentes de camadas populares é ocasionado pela necessidade de ajudar em casa (tarefas domésticas e cuidados com os irmãos menores). Isto pode desenvolver uma visão de mundo na qual o ser mãe/dona de casa é um elemento central da identidade feminina. Assim, a ocorrência da maternidade neste contexto onde já é comum cuidar da casa e dos irmãos menores pode não mudar muito a rotina destas jovens que, muitas vezes, já estão afastadas da escola ou em situações de defasagem escolar (Heilborn, & Cabral, 2006). Dessa forma, a permanência regular na escola pode fazer com que as adolescentes fiquem menos vulneráveis à ocorrência da gestação e maternidade, uma vez que a frequência escolar é capaz de promover outros desejos, como a profissionalização.

As adolescentes gestantes desta pesquisa não estavam estudando no momento em que foram entrevistadas, mas também trouxeram a importância da escolarização e do planejamento profissional. Entretanto, diferente das adolescentes não gestantes, estes projetos foram interrompidos e/ou adiados em função da maternidade.

Claro, claro, acho que toda menina pensa, antes se formar, tudo direitinho, depois casar e ser mãe. Aí eu estou sendo mãe primeiro e aí vou me formar ano que vem (risos), depois eu quero fazer faculdade ainda e já casei (Juliana, 18 anos, adolescente gestante).

De fato, a maternidade restringe ou adia oportunidades futuras das adolescentes (Dias, 2009). Nas classes populares, como já descrito anteriormente, a maternidade geralmente pressupõe uma aproximação feminina à esfera doméstica. Nestes contextos, muitas meninas já apresentam trajetórias escolares deficientes e, diante de uma gestação, elas tendem a abandonar definitivamente os estudos. Isto se deve à dificuldade de conciliar estudos, trabalho, cuidados dos filhos e responsabilidades



domésticas, normalmente assumidas com a maternidade (Heilborn, Salem, Bozon, Aquino, & Knauthm, 2002).

No que se refere à profissionalização, existem fatores que podem justificar o adiamento de planos futuros relacionados ao trabalho, em mães adolescentes. Um deles é o tempo despendido para cuidar da criança. Em alguns casos, as adolescentes mães recebem ajuda da mãe (avó) e do companheiro, mas a responsabilidade de cuidar dos filhos é assumida, quase que exclusivamente, pela jovem mãe. Isto pode ocasionar falta de tempo para trabalhar, já que desempenham várias tarefas relacionadas ao cuidado dos filhos e ao cuidado da casa (Rodrigues et al., 2009).

Porém, as adolescentes gestantes deste estudo parecem se preocupar em finalizar o processo de escolarização. Esta preocupação é decorrente do reconhecimento, por parte dos jovens, de que é através da escolarização que projetos de vida relacionados à conquista de um bom emprego e melhores condições financeiras para si e para a constituição familiar tornam-se mais viáveis. Assim, o trabalho é percebido como forma de melhorar a qualidade de vida destas adolescentes e seus filhos (Cardoso, & Cocco, 2002).

A maioria das adolescentes gestantes desta pesquisa afirmou que não planejaram, ao menos conscientemente, ser mãe durante a adolescência. A gravidez parece ter surgido como um fenômeno inesperado, consequência de relações sexuais desprevenidas, má utilização e falta/inadequação de informações sobre métodos contraceptivos.

Como eu engravidei? Por descuido. Remédio... Fui viajar e acabei esquecendo de tomar o remédio, três dias, esqueci não, esqueci em casa [...] (Marina, 18 anos, adolescente gestante).

A má utilização de métodos contraceptivos é um dos principais motivos associados à ocorrência da gestação na adolescência, em casos em que ela não é planejada (Patias, Jager, Fiorin, & Dias, 2012). Ainda hoje, a responsabilidade pelo uso de contraceptivos é das mulheres (Heilborn, & Cabral, 2006). Desta forma, nos casos em que a mulher não ministra de forma adequada a pílula anticoncepcional, método mais utilizado por adolescentes de classes populares para evitar uma gestação (Patias et al., 2012), é possível que ocorra uma gravidez, uma vez que não é comum o companheiro se responsabilizar pelo uso de outra forma de contracepção.



Neste sentido, as falhas presentes no processo de comunicação e conscientização dos adolescentes de ambos os sexos sobre o uso correto dos métodos contraceptivos geram pensamentos sobre a prática sexual que podem tornar as adolescentes vulneráveis à ocorrência da gestação e maternidade durante a adolescência.

Apesar das adolescentes gestantes deste estudo não terem planejado a gestação, demonstram aceitar a experiência. Admitem a maternidade como um momento único, com perdas e ganhos e, principalmente, crescimento pessoal.

Planejado não foi, está sendo assim uma experiência nova, boa né, porque está sendo bem produtiva para mim. Porque eu estou aprendendo com isso tudo [...], a gente aprende a ser mais responsável, a gente aprende a ter mais coração, a gente sente coisa diferente... Coisas novas... (Bruna, 18 anos, adolescente gestante).

Quando a gestação acontece, os ganhos que a maternidade traz para a vida de adolescentes mães podem ser representados pela aquisição de autonomia da família de origem e pela ascensão do *status* social de “mulheres/meninas” para “mães”. Já as perdas, normalmente, se referem às restrições na esfera da socialização. As adolescentes de camadas populares tendem a ficar mais “presas” em casa, devido aos cuidados que devem ser realizados com o filho (Heilborn, & Cabral, 2006; Gontijo, & Medeiros, 2008; Pantoja, 2003).

Neste estudo, a maioria das gestações não foi planejada. No entanto, das nove adolescentes gestantes participantes, duas delas já se encontravam em união estável e moravam com seus parceiros antes de gestarem, sendo a gestação planejada pelo casal.

Daí como ele queria muito ter um filho né, que ele já é maior de idade, tudo [...]. Daí eu estava tomando remédio tudo pra não engravidar né, daí acabei parando de tomar. Aí engravidei (Carolina, 16 anos, adolescente gestante).

A nupcialidade ocorre precocemente na sociedade brasileira, aumentando a probabilidade da ocorrência da parentalidade juvenil. Em uma pesquisa que investigou a coabitação com pais no período entre 15 e 18 anos em 4.643 jovens com idades entre 18 e 24 anos (ambos os sexos) com e sem experiência de reprodução, constatou-se que 15,7% das jovens com filhos já moravam com um parceiro no momento em que tiveram o primeiro filho (Heilborn, & Cabral, 2006). O desejo de um

casal por um filho pode constituir um planejamento familiar decorrente do desenvolvimento da união estável (Mansur, 2003). Neste sentido, em contextos onde a união amorosa já se estabeleceu, pensamentos sobre o planejamento familiar pode fazer com que a maternidade represente um projeto importante para o jovem casal e para a construção da identidade familiar.

Expectativas em relação ao fenômeno

As adolescentes gestantes esperam saber educar o filho e satisfazer as necessidades da criança através de uma relação de amor e carinho. Possuem o desejo de proporcionar aos filhos uma boa qualidade de vida. Isto pode ser percebido quando as adolescentes revelam o desejo de voltar a estudar após o nascimento do bebê e de obter um emprego para poder oferecer condições de vida melhores às crianças.

Eu espero que eu consiga ser uma mãe bem boa, bem cuidadosa, que eu não saiba mimar demais e nem dar muita disciplina, mas que eu consiga ser uma mãe bem direitinho, cuidando, apertando aqui, largando um pouquinho ali (Jéssica, 18 anos, adolescente gestante).

Tem que saber cuidar da criança, atender ela, porque eu vejo as crianças chorando e eu não sei lidar. Eu não consigo... Eu não sei o que a criança quer, por que ela está chorando [...] (Carolina, 16 anos, adolescente gestante).

As preocupações das adolescentes grávidas entrevistadas se relacionam ao desejo de cuidar e educar o filho. Preocupações semelhantes foram encontradas por Dias (2009), em seu estudo com jovens de diferentes regiões do país que passaram pela experiência da gestação. As preocupações das jovens mães referiam-se a “criar o filho”, “dar uma boa escola e segurança para os filhos”, “dar ao filho tudo que ele merece” e “garantir o futuro do filho”. Rodrigues e colaboradores (2009) também relatam preocupações equivalentes em adolescentes puérperas. Os autores mostraram que cuidar, oferecer uma boa educação, proporcionar carinho e fornecer bons exemplos aos filhos são preocupações características da maternidade na adolescência. Além disso, perceberam que as mães adolescentes esperam saber identificar, de forma adequada, as necessidades de seus bebês. Preocupações e pensamentos deste tipo podem ser decorrentes da falta de experiência das adolescentes em desempenhar o papel de mãe, retratadas nas dificuldades em



amamentar, identificar doenças, motivos de choro e insegurança no processo de cuidar da criança.

As adolescentes não gestantes trouxeram preocupações semelhantes. Ambos os grupos se preocuparam com o bem estar do filho, com a satisfação de suas necessidades e com a garantia de uma relação de amor e afeto.

Dar o máximo de atenção possível, dar para o meu filho a estabilidade que uma criança precisa, ter aquela renda fixa para poder dar tudo para o meu filho, tudo mesmo, máximo de atenção que eu puder, máximo de carinho [...] (Paula, 14 anos, adolescente não gestante).

Essas preocupações também se equivalem àquelas demonstradas por adolescentes puérperas no estudo de Rodrigues e colaboradores (2009) citado anteriormente (cuidado adequado, educação moral, amparo emocional, afetivo e qualidade de vida à criança). Apesar das mudanças ocorridas nos papéis parentais no decorrer dos anos, essas características das mães foram construídas histórica e socialmente e continuam a fazer parte das preocupações da mulher contemporânea (Badinter, 1985; Wagner, Predebon, Mosmann, & Verza, 2005). Assim, pode-se entender que a idade com que alguém se torna mãe não parece interferir nas preocupações com o filho e nos pensamentos referentes à expectativa da maternidade.

O que as adolescentes pensam sobre casamento/morar junto

Significados de casar/morar junto

As adolescentes gestantes participantes deste estudo valorizam e consideram o casamento uma união baseada na responsabilidade e no amor. No entanto, salientam a importância de planejá-lo. Para elas, o casamento requer organização financeira e divisão de responsabilidades, tais como o cuidado com o filho.

É... Uma coisa que a gente deve pensar muito, porque... Se quer morar junto realmente, tem que ter alguém para cuidar do filho, tem que ter um salário fixo, e com certeza tem que ter uma aliança assim, tipo, eu faço isso, tu faz aquilo e tudo fica resolvido. Não é assim, a gente vai morar junto, de repente. Não, tem que pensar também se vai dar certo, se tem condições (Amanda, 18 anos, adolescente gestante).

Não acho certo morar junto. Pra mim, isso daí significa não ter compromisso, porque pode estar morando junto, mas no dia seguinte pode já separar, como se aquilo não tivesse acontecido. Não acho legal. Casamento já é mais sério. Casamento tem mais responsabilidade um com o outro de... Ser fiel um ao outro. Quando já está morando junto não, tanto faz, não é fiel um com o outro (Carmem, 16 anos, não gestante).

No Brasil, uma das recentes modificações nos costumes sexuais diz respeito à construção de novas formas de relacionamento entre jovens. Neste sentido, as uniões estáveis, plasticidade nas relações e trocas de companheiro caracterizam o relacionamento amoroso durante a juventude (Heilborn, & Cabral, 2006). Porém, algumas adolescentes deste estudo indicaram que o casamento ainda é valorizado. De fato, apesar da concepção de casamento indissolúvel e eterno estar sendo substituída por outra, ele ainda parece ser construído a partir do amor, do comprometimento com a relação, da superação das crises, da divisão das tarefas e responsabilidades (Zordan, Falcke, & Wagner, 2005).

As adolescentes não gestantes possuem uma visão bastante semelhante daquelas que estão gestando. Elas acreditam que o casamento deve ser baseado em sentimentos de confiança, fidelidade e amor. Além disso, explicam que essa união deve ser planejada, uma vez que o casal passará a viver junto, formar uma família e dividir responsabilidades.

Tu vai dividir todos os teus momentos com a pessoa, depois tu vai ter um filho, vai ter aquela pessoa junto contigo para te ajudar a criar, para ensinar, para educar, eu acho que por um lado é bom [...] (Paula, 14 anos, adolescente não gestante).

O casamento proporciona intimidade, compromisso, amizade, afeto, realização sexual, companheirismo, oportunidade de crescimento pessoal e responsabilidades (Papalia et al., 2010). A inserção da mulher no mercado de trabalho e a valorização da escolarização, principalmente a de nível superior, iniciadas na década de 70, podem contribuir para uma visão de casamento baseada na divisão de papéis e responsabilidades (Coelho, 2002). Neste sentido, pensamentos atrelados à responsabilidade afetiva e familiar podem tornar adolescentes menos vulneráveis a uniões precoces.



As participantes deste estudo trouxeram alguns pontos importantes que devem ser valorizados pelo casal para que o casamento seja bem sucedido: responsabilidade, divisão de tarefas, organização financeira para o sustento da família e amor. Isto pode indicar uma menor idealização e maior adequação às demandas da construção de um casamento na contemporaneidade. Essa constatação vai ao encontro dos resultados obtidos por Jablonski (2005), que encontrou inversão nos itens valorizados para a duração de um casamento: o amor, citado como mais importante nos anos 80 e 90, foi substituído pelo respeito mútuo, companheirismo e por confiança. Assim, percebe-se uma mudança nas configurações do casamento e da família, onde novos valores são assimilados ao mesmo tempo em que os velhos costumes são conservados (Zordan et al., 2005).

O desejo de casar/morar junto

A maioria das jovens gestantes está casada ou morando junto com o pai da criança. Sabe-se que diferentes motivos podem marcar o desejo pelo casamento entre adolescentes. Para algumas, o motivo da união pode ser a própria gravidez. Outras, entretanto, podem ter se casado pelo desejo de ter relações sexuais com o parceiro, aceita apenas após a união estar oficializada.

Eu moro junto, com o meu namorado [...] faz três meses. É por causa da gravidez [...] (Camila, 17 anos, adolescente gestante).

Porque a gente pertence a uma igreja, né. Então como a gente estava querendo fazer as coisas erradas, a gente resolveu casar pra não cair no pecado (Jéssica, 18 anos, adolescente gestante).

É possível compreender os relatos das adolescentes desse estudo a partir da visão de que a gravidez na adolescência seria um problema que poderia ser resolvido com o casamento imediato da jovem com o pai da criança (Moreira, Viana, Queiroz, & Jorge, 2008). Parece que o fenômeno da gravidez neste período do desenvolvimento não é mais considerado um problema pelas jovens. No entanto, foi possível perceber que, para a maioria delas, o casamento é antecipado em função de estarem grávidas. De fato, a gravidez na adolescência tem sido apontada com um fator precipitante da união não formal e coabitação entre casais (Lyra, 2001). Nesse sentido, percebe-se que pensamentos que enfatizam a gestação e maternidade como fenômenos que devem acontecer dentro de um relacionamento “estável” ou, ao menos, em um

contexto familiar podem antecipar a união entre jovens. O ritual do casamento pode ser uma forma de simbolizar isso.

Já a decisão por um casamento motivado pelo desejo de iniciar a vida sexual apenas após a união dos cônjuges estar oficializada pode ser resultado de costumes familiares ou religiosos. Isto acontece quando os genitores preferem que suas filhas tenham relações sexuais apenas após o casamento (Borges, Latorre, & Schor 2007). Porém, apesar de muitas adolescentes se posicionarem contra a atividade sexual de mulheres antes do casamento, as jovens reconhecem ser praticamente impossível esperar pela união formal para iniciar a vida sexual (Taquette, & Vilhena, 2008). Assim, pensamentos sobre a possibilidade da prática sexual poder acontecer somente durante o casamento pode tornar adolescentes vulneráveis à união precoce, principalmente em contextos onde a crença de que o sexo fora do casamento é visto como pecado ou com estranheza se mostra forte.

Somente uma adolescente gestante afirmou não estar casada, nem morando junto com o pai da criança. Neste caso, a jovem não considera a gravidez motivo suficiente para se casar, mesmo que sua família a incentive.

Quando descobri que eu estava grávida, “vai ter casamento, porque não sei o que” e meus tios são tudo... Sabe, “porque pega um boi ou uma vaca e vamos matar, vamos fazer um casamento”, “vão fazer, mas vão procurar uma noiva então, porque eu não vou casar”. Daí eles acham que tu engravidou, tu tem que casar. [...] Com ele eu não quero casar [...]. Ele vai ter a responsabilidade dele de pai e eu de mãe. [...] Porque a gente não dá certo junto, entendeu? [...] (Marina, 18 anos – adolescente gestante).

A maioria das famílias incentiva o casamento das filhas adolescentes que engravidam, mesmo que estas não o queiram (Moreira et al., 2008). Pode-se pensar que, em camadas populares, isso ocorra em virtude de que ter filhos e casar-se constituem o único modo de vida possível frente à falta de outras perspectivas de realização social (Taquette, & Vilhena, 2008). Ainda, em sociedades onde o sexo antes do casamento é visto com certa estranheza ou mesmo preconceito, casar-se após a ocorrência de uma gestação não planejada passa a ser a única possibilidade de a adolescente ter sua reputação social recuperada (Sabroza, Leal, Gama, & Costa, 2004). Além disso, socialmente, a maternidade é vista como um acontecimento que ocorre dentro de um contexto específico: o casal unido, legalmente ou não. Esta



crença pode estar associada à problematização da gestação e maternidade na adolescência como problemas sociais e de saúde pública (Dadoorian, 2003; Dias, & Teixeira, 2010).

Algumas pesquisas indicam que não existe, necessariamente, uma relação entre gestação e união conjugal. No estudo de Neiverth e Alves (2003), realizado com adolescentes de 13 a 18 anos que também passaram pela experiência de gestação, 42% das jovens foram morar junto com seus parceiros após a descoberta da gravidez, 29% casaram através do registro civil e 29% permaneceram solteiras. Já no estudo conduzido por Moura (2003) com gestantes adolescentes e adultas jovens que realizavam acompanhamento pré-natal em serviço público de referência em Feira da Santana, verificou-se que 44,1% das gestantes coabitavam com o pai da criança e 46,6%, com as suas famílias de origem. Ainda em uma pesquisa multicêntrica, realizada em Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador, constatou-se que a maioria das gestações de adolescentes ocorreu na ausência da união conjugal, 74,2% das participantes moravam com suas famílias de origem e apenas 15,8% das gestantes coabitavam com o parceiro (Aquino, Heilborn, Knauth, Bozon, Almeida, Araújo, & Menezes, 2003). Observa-se então, através da literatura, que o casamento não é uma regra para as jovens que engravidam ou desejam engravidar, embora possa se constituir em um projeto bastante comum entre adolescentes gestantes.

Já em relação às adolescentes não gestantes entrevistadas neste estudo, todas referem que desejam casar ou morar junto com um marido/companheiro no futuro. Essas participantes problematizam a facilidade com que se casa e se separa atualmente. Reafirmam que os motivos determinantes para a união (ou não) com um rapaz devem ser os sentimentos de confiança no parceiro e amor.

Ah... Com... 23 por aí. [...] Primeiramente, eu tenho que confiar na pessoa e gostar dela o suficiente para eu tomar essa decisão de querer ficar junto, porque casamento, acho que... Hoje em dia está tão... Está tão diferente. As pessoas casam e já estão se separando. Então, acho que, primeiramente, tem que acreditar e confiar na pessoa [...] (Alice, 17 anos, adolescente não gestante).

Estas informações vão ao encontro dos resultados encontrados por Matos, Féres-Carneiro e Jablonski (2005), que encontraram que o amor, a fidelidade e a confiança são sentimentos percebidos por adolescentes como necessários para o sucesso de um relacionamento. Além disso, o amor é baseado em três elementos

complementares: intimidade, paixão e compromisso. A intimidade possui um caráter emocional e envolve autorrevelação, que leva à ligação, ternura e confiança. A paixão tem um caráter motivacional, na qual a atração fisiológica se transforma em desejo sexual. O compromisso é um elemento cognitivo, que caracteriza a decisão de amar e continuar com a pessoa amada (Sternberg, 1986).

A visão sobre uma união instável e descartável, onde é fácil se separar e se casar novamente, também representada pelas falas das adolescentes não gestantes deste estudo, traduzem uma desinstitucionalização do casamento. Em uma sociedade onde tudo é processado rapidamente, a cultura do descartável, provavelmente, será modelo que também influenciará os relacionamentos (Gomes, & Paiva, 2003). Neste sentido, pensamentos sobre o casamento e sobre o significado de casar-se com outra pessoa podem tornar (ou não) adolescentes vulneráveis a união precoce.

Conclusões

Acredita-se que as diferenças encontradas nos pensamentos das adolescentes sobre maternidade e casamento nos dois grupos podem ser decorrentes de diferenças familiares e individuais. Este estudo buscou investigar o que pensam as adolescentes grávidas e não grávidas sobre maternidade e casamento, de grupos sociais similares. No entanto, sabe-se que, dentro de um mesmo contexto social, há diferenças familiares e individuais. Essas diferenças (forma de cuidado e de educação, apoio social, perspectivas de vida, etc.) podem ter contribuído para que as adolescentes não gestantes não tenham engravidado na adolescência e não tenham estabelecido uma união (casamento). Isto não quer dizer que não venham a engravidar e casar.

Em relação aos pensamentos sobre maternidade, as jovens parecem divergir, principalmente, na forma de pensar a maternidade como algo que deve ser muito planejado e que deve acontecer após alguns planos ou condições de vida já terem sido alcançados: escolarização, profissionalização, estabilidade e casamento. Além do mais, todas as adolescentes não gestantes estavam estudando no momento da coleta dos dados, o que pode fazer com que outros projetos de vida possam ser almejados. Neste sentido, pensamentos que retratem a maternidade como uma experiência essencialmente positiva, pouco ligada às dificuldades e desafios que permeia sua prática, como única possibilidade de ascensão e reconhecimento social e que não exige um bom planejamento pessoal e familiar podem ser fatores que tornem as



adolescentes vulneráveis a ocorrência da gestação e maternidade durante a adolescência.

Já quando se trata do que as jovens participantes pensam sobre casamento/morar junto, verificou-se que tanto as adolescentes gestantes quanto as não gestantes descrevem que a responsabilidade, a divisão de tarefas, a organização financeira para o sustento da família e o amor são fundamentais ao sucesso do relacionamento. Porém, os grupos pesquisados divergem quanto aos motivos que as levam a desejar o casamento: enquanto as jovens gestantes unem-se com seus companheiros em função da gravidez e do desejo de ter relações sexuais, as não gestantes esperam se casar ou morar junto quando os sentimentos de confiança no parceiro e amor estiverem estabelecidos. Neste sentido, pensamentos que refletem os significados do casamento e a finalidade da união entre jovens parecem ser capazes de tornar (ou não) adolescentes vulneráveis à união precoce.

Algumas limitações desse estudo devem ser mencionadas. Os resultados aqui apresentados referem-se à realidade de jovens de camadas populares de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul (Brasil). Nesse sentido, é interessante realizar pesquisas com adolescentes de diferentes classes sociais e contextos no intuito de verificar se há diferença na forma de perceber a maternidade e o casamento nesse período do desenvolvimento. Além disso, acredita-se que pesquisas com jovens do sexo masculino também possam auxiliar a compreender o significado da maternidade e paternidade ou parentalidade e do casamento no seu ponto de vista.

Ademais, nesse estudo, se investigou somente o que as adolescentes pensam sobre casamento e maternidade, sem considerar como estas opiniões e pensamentos foram construídos por elas. Entretanto, sabe-se que experiências familiares modelam as crenças e comportamentos dos jovens. Assim, são importantes estudos transgeracionais que investiguem a ocorrência da maternidade e casamento, bem como as implicações destes fenômenos na vida dos sujeitos envolvidos. Da mesma forma, estudos longitudinais mostram-se importantes para compreender a evolução de crenças sobre casamento e maternidade, considerando a idade dos participantes e acontecimentos de vida das jovens.

Este estudo, na medida em que investigou sobre os pensamentos de adolescentes a respeito da maternidade e casamento, pode contribuir na compreensão dos fatores que levam as adolescentes desejarem (ou não) a maternidade e a união afetiva. Reconhecer estes fatores pode auxiliar na (re)

formulação de estratégias destinadas à promoção e prevenção da saúde de adolescentes, principalmente no que se refere à esfera sexual e reprodutiva, foco de grande parte dos programas em políticas públicas de saúde para adolescentes e jovens no Brasil.

Referências Bibliográficas

- Almeida, A. M., & Cunha, G. G. (2003). Representações sociais do desenvolvimento humano. *Psicologia reflexão e crítica*, 16(1), 147-155.
- Aquino, E. M. L., Heilborn, M. L., Knauth, D., Bozon, M., Almeida, M. C., Araújo, J., & Menezes, G. (2003). Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. *Caderno de saúde coletiva*, 19(supl. 2), 377-388.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2003). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes.
- Beck, J. S. (1997). Conceituação cognitiva. In J. S. Beck. *Terapia cognitiva: teoria e prática* (pp. 28-39). Porto Alegre: Artmed.
- Borges, A. L. V., Latorre, M. R. D. O., & Schor, N. (2007). Fatores associados ao início da vida sexual de adolescentes matriculados em uma unidade de saúde da família da zona leste do Município de São Paulo, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, 23(7), 1583-1594.
- Cardoso, C. P., & Cocco, M. I. M. (2003). Projeto de vida de um grupo de adolescentes à luz de Paulo Freire. *Revista latino-americana de enfermagem*, 11(6), 246-252.
- Coelho, S. V. (2002). As transformações da família no contexto brasileiro: Uma perspectiva das relações de gênero. *Psique*, 10(16), 7-25.
- Dadoorian, D. (2003). Gravidez na adolescência: um novo olhar. *Psicologia ciência e profissão*, 23(1), 84-91.
- Dias, A. C. G. (2009). Análise das expectativas de jovens que vivenciaram a gravidez na juventude. In R. M. C. Libório, & S. H. Koller (Eds). *Adolescência e Juventude: risco e proteção na realidade brasileira* (pp. 119-140). Porto Alegre: Casa do Psicólogo.
- Dias, A. C. G., & Teixeira, M. A. P. (2010). Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. *Paidéia*, 20(45), 123-131.



- Gomes, I. C., & Paiva, M. L. S. C. (2003). Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding? *Psicologia em estudo*, 8(esp), 3-9.
- Gonçalves, H., & Knauth, D. R. (2006). Aproveitar a vida, juventude e gravidez. *Revista de antropologia*, 49(2), 625-643.
- Gontijo, D. T., & Medeiros, M. (2008). "Tava morta e revivi": significados da maternidade para adolescentes com experiência de vida nas ruas. *Caderno de Saúde Pública*, 24(2), 469-472.
- Heilborn, M. L., & Cabral, C.S. (2006). Parentalidade juvenil: transição condensada para a vida adulta. In A. A. Camarano (Ed). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* (pp. 225-256). Rio de Janeiro: IPEA.
- Heilborn, M. L., Salem, T., Bozon, M., Aquino, E., & Knauthm, D. R. (2002). Aproximações sócio-antropológicas sobre a gravidez na adolescência. *Revista de antropologia*, 8(17), 13-45.
- Jablonski, B. (2005). Atitudes de jovens solteiros frente à família e ao casamento: novas tendências? In T. Féres-Carneiro (Ed). *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (pp. 93-110). Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- Lima, C. T. B., Feliciano, K. V. O., Carvalho, M. F. S., Souza, A. P. P., Menabó, J. B. C., Ramos, L. S., Cassundé, L. F., & Kovács, M. H. (2004). Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação. *Revista brasileira de saúde e maternidade infantil*, 4, 71-83.
- Locatelli, A. C. D., Bzuneck, J. A., & Guimarães, S. E. R. (2007). A motivação do adolescente em relação com a perspectiva de tempo futuro. *Psicologia reflexão e crítica*, 20(2), 268-276.
- Lyra, J. L. C. (2001). Paternidade adolescente: da investigação a intervenção. In M. Arilha, S. G. Unbehaum, & B. Medrado (Eds). *Homens e masculinidades: outras palavras* (pp. 185-214). São Paulo: Ed Ecos.
- Mansur, L. H. B. (2003). *Sem filhos: a mulher singular no plural*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Matos, M., Féres-Carneiro, T., & Jablonski, B. (2005). Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. *Interação em Psicologia*, 9(1), 21-33.
- Moreira, T. M. M., Viana, D. S., Queiroz, M. V. O., & Jorge, M. S. B. (2008). Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 42(2), 312-320.

- Moura, M. S. Q. (2003). *Características clínicas e nutricionais de gestantes e adolescentes e adultas jovens acompanhadas no pré-natal: Hospital Geral Clériston Andrade*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Feira da Santana, Feira da Santana.
- Neiverth, I. S., & Alves, G. B. (2003). Gravidez na adolescência e mudança do papel social da mulher. *Paidéia*, 12(24), 229-40.
- Oliveira, M. K. (2004). Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto. *Educação e Pesquisa*, 30(2), 211- 229.
- Pantoja, A. L. N. (2003). "Ser alguém na vida": uma análise sócioantropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, 19(supl.2), 335-343.
- Papalia, D. E., Olds, W., & Feldman, R. D. (2010). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: AMGH.
- Patias, N. D., & Buaes, C. S. (2012). "Tem que ser uma escolha da mulher!" Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicologia e Sociedade*, 24(2), 300-306.
- Patias, N. D., Jager, M. E., Chechi, P., & Dias, A. C. G. (2011). Construção histórico social da adolescência: implicações na percepção da gravidez na adolescência como um problema. *Revista Contexto e Saúde*, 10(20), 205-14. Disponível em: <http://www1.unijui.edu.br/revistas/index.php/revista-contexto-e-saude-edicao-atual>
- Patias, N. D., Jager, M. E., Fiorin, P. C., & Dias, A. C. G. (2012). Gestação ou Gesta es na Adolescência: Conhecendo a multiplicidade de experiências associadas ao fenômeno em uma Unidade Básica de Saúde de Santa Maria/RS. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, 9(1), 260-277.
- Rodrigues, D. P., Rodrigues, F. R. A., Silva, L. M. F., Jorge, M. S. B., & Vasconcelos, L. D. G. P. (2009). O adolescer e ser mãe: representa es sociais de puérperas adolescentes. *Cogitare enfermagem*, 4(3), 455-462.
- Sabroza, A. R., Leal, M. C., Gama, S. G. N., & Costa, J. V. (2004). Perfil sócio-demográfico e psicossocial de puérperas adolescentes do Município do Rio de Janeiro, Brasil – 1999-2001. *Caderno de Saúde Pública*, 20, 112-120.
- Silva, S. P. (2002). Considera es sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. *Caderno CEDES*, 22(57), 23-43
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, (93), 119-135.



- Strauss, A., & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed.
- Taquette, S. R., & Vilhena, M. M. (2008). Uma contribuição ao entendimento da iniciação sexual feminina na adolescência. *Psicologia em Estudo*, 13(1), 105-114.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia teoria e pesquisa*, 21(2), 181-186.
- Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2005). Copiar ou (re)criar? Perspectivas histórico-contextuais do casamento. In A. Wagner (Ed). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 47-66). Porto Alegre: EDIPUCRS.